
ENTREVISTA

ENTREVISTA COM JORGE DIAZ CINTAS

Jorge Diaz Cintas tem doutoramento em Tradução Audiovisual (TAV) pela Universidade de Valencia na Espanha, tendo como objeto de pesquisa a legendagem. Atualmente, é professor de Tradução e Espanhol na Universidade de Roehampton em Londres, onde coordena o Mestrado em Tradução. É autor dos livros *La traducción audiovisual: el subtítulado* (2001) e *Teoría y práctica de la subtitulación: inglés-español* (2003), um projeto multimídia com DVD contendo cenas de diversos filmes e um *software* de legendação. Também escreveu vários artigos sobre TAV, além de ter participado em importantes congressos internacionais. É membro do grupo de pesquisa Transmedia e presidente da Associação Européia para os Estudos em TAV (European Association for Studies in Screen Translation) desde 2002.

Website www.roehampton.ac.uk/staff/JorgeDiaz-Cintas

Email j.diaz-cintas@roehampton.ac.uk

Cadernos de Tradução (CT): *Quando aconteceu o seu primeiro envolvimento com a área?*

Jorge Diaz Cintas (JDC): Embora eu tenha me graduado em Línguas Modernas, que chamamos de Filologia na Espanha, sempre tive interesse pela tradução. Quando deixei a Espanha e fui para a Inglaterra em 1989, ganhei uma bolsa de estudos para iniciar meu doutorado. Comecei fazendo pesquisa em lingüística pura, mas logo percebi que não era isto que eu queria. Foi então que decidi que necessitava mudar de tema e comecei a ler sobre teoria de tradução. Naquele tempo eu não conhecia muitas pessoas em Londres e passava muito tempo no cinema, tentando aprimorar meu inglês. Eu sempre amei filmes. Além disso, como a pesquisa pode ser

uma atividade bem solitária, estava claro para mim que eu deveria embarcar em algo que eu realmente gostasse para poder desenvolver uma pesquisa. Então, a idéia de combinar as duas áreas para minha pesquisa, tradução e cinema, veio naturalmente.

CT: Como você iniciou seus estudos em TAV?

JDC: Naquele tempo, não foi nada fácil. No início dos anos 90 não havia muitas referências bibliográficas disponíveis sobre TAV e a internet estava ainda dando seus primeiros passos. A maioria dos estudos escritos até então eram bem superficiais e certamente não adequados para uma tese de doutorado. Quase não havia livros publicados e, se me lembro bem, só havia um sobre legendagem, *Subtitling for the Media* (1992), de Ivarsson. Para complicar ainda mais a situação, decidi trabalhar com legendas – modalidade que era e ainda é marginal na Espanha - e não com dublagem. Não havia nada escrito sobre o assunto na Espanha, a não ser o ótimo artigo de Mayoral Asensio (1993), o qual prezo muito.

Naquele tempo, havia uma jovem pesquisadora no Instituto Europeu para a Mídia em Düsseldorf, Alemanha, que estava interessada em TAV. Seu nome era Josephine Dries. Ela conseguiu compilar três pastas inteiras de material sobre TAV, o que me deixou impressionado. Fiz uma visita ao Instituto e fotocopiei a maioria dos artigos que não passavam de mais de 200 páginas no total. No entanto, esses artigos foram o bastante para dar o pontapé inicial e também para constatar que eu não era o único trabalhando na área. Tive também muita sorte de presenciar o nascimento do ESIST (www.esist.org) em 1995. Éramos um grupo pequeno com os mesmos interesses. Para mim, foi uma oportunidade de ouro porque me permitiu encontrar colegas de outros países que estavam trabalhando em outras universidades da Europa e na indústria cinematográfica. São contatos que eu ainda prezo e que se tornaram amigos. E isso é muito recompensador.

CT: *Qual foi o tema do seu doutorado finalmente?*

JDC: Como disse anteriormente, sabia desde o princípio que eu queria fazer minha pesquisa em legendação. De fato, nunca me ocorreu analisar a dublagem. O problema foi a dificuldade em encontrar filmes legendados nas lojas e nas locadoras. Lembre que estamos falando de uma época em que o DVD não existia e só o formato VHS era disponível. A escolha em espanhol não era grande. Eu também queria trabalhar, se possível, com a lista de diálogos que o tradutor havia recebido para obter uma visão mais completa do processo. Depois de muita busca e de muitos contatos, consegui uma cópia tanto da lista de diálogos quanto da fita legendada em VHS do filme *Um Misterioso Assassinato em Manhattan* (1993), de Woody Allen. Pode-se dizer que foi somente uma questão de sorte, mas foi dessa maneira que escolhi meu objeto de estudo. Fico contente por ter tido a oportunidade de trabalhar um texto de Woody Allen, mas poderia ter sido qualquer outro filme de outro diretor.

CT: *Quais mudanças aconteceram na pesquisa em TAV desde então?*

JDC: Tudo mudou bastante na última década. Terminei meu doutorado em 1997. Foi a primeira vez que alguém escreveu sobre legendas na Espanha. Atualmente, há uma grande quantidade de teses sobre TAV já concluídas e tantas outras em andamento. Os alunos se sentem atraídos pela nossa disciplina. É uma ótima notícia para os pesquisadores da área.

Outro aspecto que evoluiu enormemente foi a nossa presença em congressos e eventos acadêmicos. Antes da metade dos anos 90, só com sorte poderíamos encontrar uma ou duas comunicações sobre TAV num congresso internacional de tradução. Além disso, os espaços concedidos na programação dos eventos eram os piores possíveis. A situação não poderia ser mais diferente agora, pois

vivemos um verdadeiro *boom* de trabalhos em TAV nos eventos. Não apenas nossa presença em congressos de tradução é muito mais visível, mas também podemos constatar a organização de congressos inteiros sobre TAV: Estrasburgo (1995), Forli (1995, 2005), Berlim (1996, 1998, 2000, 2002, 2004 & 2006), Castellón (1999), Alicante (1999, 2000, 2001 e 2004), Hong Kong (2001), Londres (2004), Barcelona (2005), Copenhague (2006) etc. Toda esta atividade gerou uma grande quantidade de publicações em editoras bem conhecidas. Periódicos como *The Translator* (2003) e *Meta* (2004) publicaram recentemente volumes especiais sobre a TAV. Também um volume especial dos *Cadernos de Tradução* está em fase de preparação e nesta edição há um dossiê sobre o assunto.

Esta grande atividade tem dado maior visibilidade à nossa área, tanto dentro dos Estudos de Tradução quanto no mundo acadêmico em geral. Já podemos constatar que congressos sobre estudos filmicos e de cinema estão começando a prestar atenção ao processo tradutório. Na minha opinião, a TAV amadureceu em termos de pesquisa, e já não somos mais tão marginais. Apesar de estarmos vivenciando todo esse desenvolvimento, isto não significa que tenhamos atingido o topo. Existe ainda muito trabalho pela frente.

CT: Será que já podemos falar de uma tradição na pesquisa em TAV?

JDC: Acho que seria prematuro e talvez um pouco presunçoso falar sobre uma tradição própria na nossa área. Na minha visão, estamos realmente em processo de construção dessa tradição. Há nomes de pesquisadores que já se destacam na área de TAV e são reconhecidos como tais por seus colegas. Porém, a maioria de nós é relativamente jovem para ter tido tempo de formar uma tradição. Precisamos de tempo e distanciamento para sermos capazes de olhar para trás com alguma perspectiva para examinar os avanços atuais na área. No entanto, não há dúvida de que estamos chegando lá.

CT: *Quais as tendências atuais da pesquisa em TAV?*

JDC: Obviamente, as primeiras incursões na área foram feitas de uma perspectiva bastante superficial, o que é compreensível. Na minha opinião, temas como os prós e os contras da legendagem e dublagem, os estágios profissionais a serem seguidos nas duas práticas e as taxonomias das diferentes modalidades de TAV já foram discutidos à exaustão. Há uma tendência a certa repetição na literatura disponível. Acho que é hora de seguirmos em frente.

Como disse anteriormente, estamos vivenciando o *boom* da TAV, o qual trouxe novas abordagens e torna difícil visualizar uma tendência em particular. Alguns estudos adotaram um ângulo bem tradicional ao comparar o texto fonte com o texto alvo a partir de uma perspectiva puramente lingüística. A tradução de referentes culturais e a tradução do humor são alguns dos aspectos estudados por alguns pesquisadores. Porém, talvez a vertente mais produtiva na nossa área seja a aplicação do modelo teórico dos Estudos Descritivos de Tradução à análise da TAV, como pode ser constado nos trabalhos de Araújo (2000), Ballester Casado (2001), Franco (2000), Gutiérrez Lanza (1999), Karamitroglou (2000), Remael (2000) e o meu (1997).

Entretanto, se eu tivesse que escolher apenas um, esse seria a acessibilidade aos meios audiovisuais. A legendagem para surdos e deficientes auditivos (LSD) e a audiodescrição para cegos e deficientes visuais (AD) são duas práticas que atraíram um grande interesse do mundo acadêmico. Em pouco tempo, passaram a fazer parte da TAV e começaram a ser pesquisados sistematicamente (Neves, 2005).

CT: *Na sua opinião, quais as deficiências da pesquisa em TAV?*

JDC: Acredito que, se queremos que nossa área tenha o merecido reconhecimento da academia, precisamos expandir nossos hori-

zontes de pesquisa. Necessitamos que temas abordados em outras áreas da tradução, como a literatura e a poesia, façam sua entrada no mundo audiovisual: estudos de corpora, a luta de poder entre os diferentes agentes no processo tradutório, a manipulação consciente do texto alvo e as perspectivas pós-coloniais e de gênero. Pessoalmente, acho que abordar a dublagem e a legendagem de uma perspectiva puramente lingüística é claramente insuficiente. Temos que englobar a dimensão cultural. As abordagens lingüísticas e culturais não devem ser vistas como paradigmas conflitantes e sim complementares. O problema surge quando se privilegia uma delas em detrimento da outra. Ao focalizarmos o objeto de estudo de diferentes ângulos, ganhamos uma melhor compreensão da tradução e do seu processo. Não é uma questão de uma **ou** outra, mas a relação de uma **com** a outra.

Embora isso não aconteça apenas na TAV, tenho a impressão de que a maioria dos acadêmicos tende a trabalhar isoladamente. Essa atitude pode estar prejudicando a visibilidade da área por não estarmos juntos em grandes projetos de pesquisa. Há muito a se ganhar de um esforço mais concentrado de nossa parte. Precisamos unir forças entre nós mesmos e com a indústria. Nesse sentido, o primeiro passo foi dado com a criação do grupo de pesquisa Transmedia (www.fti.uab.es/transmedia) o qual agrega vários pesquisadores e profissionais de vários países europeus que trabalham com a TAV.

Outra deficiência diz respeito ao que eu chamaria de Centro de Tradução Audiovisual ou algo parecido, ou seja, um centro com materiais e recursos que se tornaria ponto de referência para estudantes, pesquisadores e profissionais interessados em TAV. Tenho trabalhado para que um centro assim seja criado, mas não tenho sido bem sucedido. Questões de espaço, direitos autorais dos materiais e problemas com pessoal parecem prejudicar a realização do empreendimento.

Tenho plena consciência das complicações e dificuldades concernentes aos direitos autorais. Penso que o que vou dizer pode

parecer bastante utópico, mas acho que os trabalhos na área deveriam incorporar tanto a dimensão acústica quanto a dimensão visual, as quais caracterizam nosso objeto de estudo. Suponho que isso signifique uma mudança de atitude no nível editorial, um salto do livro tradicional para o projeto multimídia, embora a resposta possa também estar na Internet.

Finalmente, precisamos de mais estudos que verifiquem como a tradução é efetivamente recebida pelos telespectadores. Precisamos realizar mais experimentos em diferentes níveis nacionais, que nos forneçam dados empíricos reais que reflitam as preferências de diferentes países e populações. Isso é fundamental em áreas como a LSD e AD, em que a prática atual repete o que está sendo feito no mundo anglo-saxônico sem questionar se essa prática é apropriada para outros contextos e públicos.

Espero que esta resposta longa não pareça tão negativa. De fato, eu a apresentaria para as pessoas interessadas em TAV como uma lista de áreas que precisam de aprimoramento. Isto prova que estamos longe do ponto de saturação e que há ainda muitas coisas a fazer.

CT: *Como você visualiza o futuro?*

JDC: Sem demagogias, acho honestamente que o futuro da TAV é brilhante. Começamos apenas a descascar o fruto. Já mencionei algumas áreas merecedoras de pesquisa em TAV. Até agora, nossos esforços penderam apenas para o estudo da tradução de filmes. Imagine as muitas outras produções audiovisuais que estão simplesmente esperando para serem estudadas: seriados, novelas, programas infantis, desenhos animados, documentários e *sitcoms*.

Além da área de acessibilidade, estou muito interessado ultimamente nas muitas possibilidades que a tecnologia pode trazer para a legendagem. O *boom* dos *vídeo games* em que o texto escrito desempenha um papel importante, o uso de programas de legendagem grátis espalhados pela internet, o surgimento de práticas novas como o *fansubbing**, o advento da tecnologia digital e o

uso de *smiles* e *emoticons* são alguns dos desenvolvimentos tecnológicos que procuro acompanhar com entusiasmo. Ainda é muito cedo para dizer se vão ter um impacto profundo na legendagem como a conhecemos hoje, porém estou certo de que veremos algumas mudanças em algum momento.

CT: Em relação à tradução audiovisual, há uma grande distância entre a academia e o mercado no Brasil. Em outras palavras, nossas pesquisas não interessam às pessoas envolvidas nos meios audiovisuais em nosso país. A situação é a mesma na Europa?

JDC: Infelizmente a relação entre a academia e a indústria sempre teve a tendência a ser marcada por algum tipo de tensão, até mesmo desinteresse. Não acho que a situação do Brasil seja diferente dos outros países no que diz respeito a esta questão. E não acho que isso ocorra somente no caso da tradução. Pense nos estudos fílmicos. Não gostaria de colocar a culpa em ninguém. Até acho que os dois segmentos deveriam fazer um esforço para tentar trabalhar em conjunto. Como pesquisador e pegando a defesa da indústria, acho que é nosso dever fazer pesquisas cujos resultados irão discutir questões de particular interesse para a indústria. E com isso não quero dizer que nossa pesquisa só tenha essa finalidade. Pesquisar pelo mero prazer de alcançar mais conhecimento pode ser bastante recompensador também. No entanto, é também igualmente importante que nós, pesquisadores, não percamos de vista todos os aspectos relacionados à profissão para que sejamos vistos como parceiros valiosos.

Embora a situação da Europa não seja perfeita e possa ser melhorada, acho que está melhor do que parece estar no Brasil. Na TAV em particular acho que conseguimos desenvolver maneiras de ter um diálogo constante que nos permitiu manter contatos regulares com os profissionais. Estou pensando, por exemplo, no Congresso Internacional *Languages and the Media* que se realiza a cada dois anos em Berlim e oferece um fórum peculiar para o debate

sobre TAV. O primeiro aconteceu em 1996 e, desde então, tem sido o maior ponto de referência para as instituições acadêmicas e industriais se unirem e discutirem as últimas tendências na indústria do audiovisual, desde a transmissão de rádio e TV até serviços de informação para cinema, DVD e internet. Encontros semelhantes também aconteceram em outras cidades tais como Londres (*In So Many Languages – Language Transfer on the Screen*, 2004) e Barcelona (*Media for All*, 2005).

Outro acontecimento em conjunto foi a criação do ESIST, uma associação que reúne professores universitários, tradutores, acadêmicos e alunos interessados na área de TAV. Essa associação tem facilitado a troca de informações e vem promovendo padrões profissionais para o treinamento e a prática da TAV. Dois de seus importantes membros com larga experiência profissional, Jan Ivarsson e Mary Carrol (1998), desenvolveram um código para a boa prática da legenda, que tem sido usado por algumas empresas de legendagem. Outra história de sucesso foi o Projeto de Legendagem Comparada, um esforço internacional para mapear a prática da legendagem em todo o mundo. Esse projeto foi desenvolvido pela ESIST em 2000 e um total de 48 diferentes empresas de legendagem e profissionais da área de todo o mundo participaram do projeto, representando 18 línguas de 25 países diferentes. O projeto fornece material importante para estudantes, pesquisadores e interessados, e está disponível através da ESIST.

Num nível mais pessoal, tive muita sorte de orientar a tese de doutorado de Josélia Neves (2005) sobre a legendagem para surdos e deficientes auditivos em Portugal. O trabalho dela foi pioneiro em seu país, atraindo o interesse da mídia e da indústria. Durante três anos ela trabalhou com a comunidade surda portuguesa e um canal de televisão para introduzir legendas para surdos e deficientes portugueses inexistentes no país. O resultado de sua pesquisa é um guia de normas de legendagem para serem usadas no meio profissional, Isto é o que eu chamo de um ótimo exemplo de pesquisa aplicada, dando resposta tanto às necessidades da indústria quanto às dos usuários.

CT: *Os legendistas espanhóis e do Reino Unido estão sendo treinados nas universidades? Ou eles estão sendo treinados nas empresas de legendagem como no Brasil?*

JDC: Historicamente, os legendistas têm sido treinados nas empresas legendadoras pelo simples fato de que estas precisavam de profissionais, mas ninguém os estava treinando em centros educacionais. Para iniciar uma carreira na legendagem era necessário somente um conhecimento de línguas, na maioria dos casos.

A tradução como disciplina avançou a passos largos e expandiu seus interesses de textos literários para áreas tais como localização, economia e tradução de textos acadêmicos, técnicos e juramentados, mas a realidade mostra que poucas instituições educacionais pegaram para si o desafio de ensinar a TAV. Falta de interesse, preços de *softwares* proibitivos, falta de preparo de professores, outros interesses ou mera cegueira podem ser algumas das razões por trás desse estado de coisas.

A situação, entretanto, está mudando rapidamente. As universidades finalmente notaram que a TAV é uma área de especialização em demanda por parte dos alunos, os quais estão aderindo a ela com muito entusiasmo. A TAV também está surgindo com força na graduação por meio de cursos introdutórios, e na pós-graduação também. Existem algumas universidades na Europa que já oferecem cursos de mestrado centrados exclusivamente na TAV.

Estamos começando a ver que alguns dos novos legendistas vieram das escolas. Além disso, mais empresas estão selecionando sua força de trabalho com base no conhecimento prévio e no treinamento do candidato. Os alunos que fizeram curso de TAV têm vantagem sobre os demais candidatos. Acho que isso será uma norma nos próximos anos.

CT: *Seu livro Teoría y práctica de la subtitulación parece ter como objetivo atingir tanto o público profissional quanto o acadêmico. Isto é verdade?*

Estou ciente de que pode ser muito difícil contentar ambos os públicos, mas esta foi minha intenção, pelo menos ao escrever o livro. Penso que a escolha do título já é uma indicação do tipo de abordagem por torná-la bem explícita na referência às duas dimensões: teoria e prática. Naquela época, senti que era necessário um livro que oferecesse um panorama completo da legendagem, que pudesse servir a profissionais, estudantes, professores e pessoas interessadas em cinema em geral. O livro está estruturado de modo que as pessoas possam escolher quais capítulos ler, dependendo de seu interesse pessoal. E eu também fiz questão de que os exemplos usados para ilustrar pontos diferentes fossem autênticos.

É difícil avaliar o grau em que o livro está atendendo efetivamente os públicos a que se dirige. Mas a julgar por minhas conversas com alguns usuários e pelos *emails* que tenho recebido de acadêmicos, professores, estudantes e profissionais, parece que o livro está sendo bem recebido.

CT: O livro está sendo usado em programas de treinamento de legendistas na Espanha ou em outros países?

*JDC: Gosto de me referir à *Teoría y práctica de la subtitulación* como um projeto multimídia e não como somente um livro. Como vocês sabem, o livro vem acompanhado de um DVD contendo trechos de filmes, listas de diálogos, os gabaritos de exercícios e um *software* de legendagem chamado *subtitul@m* (www.fti.uab.es/subtitulam). Acredito que este é o único livro do mercado que incorpora as dimensões de áudio e visual ao discutir a legendagem. No livro, ofereço uma seleção de tópicos para discussão e reflexão, exercícios apresentados segundo o nível de dificuldade e sugestões para pesquisa. E tudo isso é o que o faz adequado para ser usado por professores e alunos como livro didático na sala de aula e para a auto-aprendizagem. Sei que tanto o livro quanto o programa têm sido usados por professores de várias universidades na*

Espanha e no Reino Unido. E espero que tanto professores quanto alunos estejam satisfeitos com o livro.

CT: Você acabou de mencionar o uso de um programa de legendagem chamado subtitul@m no livro. Poderia falar um pouco mais sobre ele? É realmente efetivo no ensino de legendagem?

JDC: Programas de legendagem profissionais, como eu disse antes, são muito caros e isso tem sido um dos principais problemas enfrentados pelos centros educacionais para ensinar como legendar. Para lidar com esse problema, algumas universidades decidiram criar seu próprio programa. É o que está acontecendo na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Na virada do século, Antonio Cumplido, estudante de engenharia com bolsa de estudo na faculdade de tradução da UAB, apresentou-se como voluntário para elaborar um *software* que permitisse o ensino efetivo de legendagem. Ele era, sem dúvida, um perito em tradução audiovisual e fez esse trabalho de boa vontade. Foi assim que nasceu o subtitul@m.

Tenho sorte de ter um bom relacionamento com a UAB, onde ensino legendagem desde o primeiro ano em que lançaram seu programa de pós-graduação em TAV. Pilar Orero, a coordenadora do programa naquela época, foi fundamental para o bom andamento do projeto multimídia. Foi graças à sua força de trabalho e ao seu entusiasmo que pudemos ter o subtitul@m em DVD.

É um programa bem simples que permite aos interessados realizar todas as tarefas relacionadas à legendagem. O que eu acho fantástico é sua facilidade de operação. Qualquer pessoa pode fazer legendas depois de menos de meia hora de treinamento. Considerando o pouco tempo que temos para ensinar a matéria em nossos currículos, esta é uma grande ferramenta. O programa trabalha com imagens digitalizadas, dando aos estudantes a oportunidade tanto de assistir aos *clips* quanto de escrever e simular suas próprias legendas na tela. O programa tem a outra grande vantagem de permitir ao usuário uma visão completa do processo de

legendagem e de ver como o produto final aparecerá na tela. Isto é muito recompensador para os alunos.

CT: O programa pode ser usado profissionalmente ou é apenas uma ferramenta pedagógica?

JDC: Pelo modo como foi produzido, o *subtitul@m* funciona apenas como uma ferramenta pedagógica. Sua funcionalidade é excelente para fins didáticos, porém ele não possui os elementos que a indústria necessita.

Estou atualmente desenvolvendo junto com Aline Remael, da Universidade da Antuérpia, outro projeto multimídia voltado para o mercado inglês. Será publicado pela editora St. Jerome (Manchester) em 2006 e também será acompanhado por um DVD. A diferença é que nesse projeto trabalharemos com um programa de legendagem diferente chamado *WinCaps* (www.sysmedia.com), que possui padrão industrial e é muito usado na profissão.

CT: Como você vê o futuro da TAV na educação?

JDC: Novamente minha resposta pode parecer muito otimista, mas eu realmente acredito que a TAV veio para ficar no sistema educacional e sua presença nos currículos só tende a crescer.

Entrevista concedida a Eliana P. C. Franco (UFBa) e Vera Lúcia Santiago Araújo (UECE)

* NT: *Fansubbing* ou *fan subtitling* é o processo pelo qual o usuário adiciona suas próprias legendas a um filme em língua estrangeira.